

E estavam os senhores da *Contemporanea* tão calados com isto, com estas joias literarias da mais pura agua!... Mas, do mal o menos: Já cá o temos, o nosso André Brun. *Enfin, Malherbe vint...*

...Malherbe não; o sr. André Brun!...

Alvaro Maia

O Cinema

“A Sereia de Pedra”, de D. Virginia de Castro e Almeida

Dizia eu, no anterior numero da *Revista Portuguesa*, que a cinematografia entre nós, estava atrasada dez anos. Gostosamente venho hoje rectificar essa afirmação e isso porque assisti há dias á passagem da fita «A Sereia de Pedra» que, pela sua factura, entrecho, cuidados de «mise-en-scene» e sobretudo intelligencia, coloca a industria dos «films» portuguezes a par do melhor que no estrangeiro tem creditos de bom.

Deve mesmo dizer-se, sem receio de erro, que as fitas portuguezas principiam na «Sereia de Pedra».

Tudo o que anteriormente se tem feito, são apenas tentativas que a beleza deste «film» faz tomar em conta de boas vontades.

A sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida, espirito de mulher superior, sensibilidade de artista já bastante affirmada em produções literarias, emprestou á direcção da «Sereia» todo o poder do seu talento e porque pela primeira vez a intelligencia foi posta ao serviço da cinematografia, resulta que a «Sereia de Pedra» marca com justiça o inicio da arte de fazer fitas em terra portuguesa.

Da minha lisura em questões de louvaminhas, é prova bastante, creio, o artigo que sobre o cinema publiquei anteriormente. Não deve, portanto, ser tomado á conta de zumbaia interesseira ou de aplauso lisongeiro a minha afirmação de que á sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida se deve o nascimento da verdadeira cinematografia em Portugal.

Qualquer espirito de justiça poderá, com bom senso, avaliar a verdade, comparando os trabalhos já mostrados com este que agora se exhibe.

Na «Sereia de Pedra» há intelligencia, nos outros «films» há apenas fotografias instantaneas, e senão analizemos em detalhes todos os prismas da obra.

Temos o entrecho, o assunto. Optimamente escolhido, portuguêsissimo, cheio de beleza pitoresca e mostrando bem caracteres diferentes que uma harmonia de acção conjuga e faz viver.

As partes bizarra, documental, panoramica, são mostradas dentro da acção e vivendo mesmo dentro dela. O tema, conduzido num intelligente, quasi successivo interesse, não aborrece, antes motiva uma anciedade, que é o principal valor de uma fita cinematografica.

A paisagem, bem escolhida, não magôa os olhos, passa como beleza de fundo, como motivo de «décor». Mas onde o entrecho toma mais vulto é na forma como apresenta varios detalhes da vida portuguesa, tais como o jogo de pau, a feira, a festa popular, o baile, que na «Sereia de Pedra» chancelam de sangue lusitano a factura da obra, ao mesmo tempo que lhe dão o pitoresco e a documentação dum «film» moderno.

Da «mise-en-scene» tambem só há que dizer bem. Nem as «pressas» americanas, nem as «lentidões» italianas e francesas; apresenta a meia «nuance», o meio termo. Optimamente intercecionados os «gros plans» e os «ensembles» misturam-se com intelligencia, tornando a acção rapida e vivida.

Os efeitos de luz são bem aproveitados, as belezas architectonicas são apresentadas como um detalhe

apenas e, por isso mesmo, se gravam mais na retina, porque não magoam.

Da interpretação só há que dizer bem. Mr. Roger Lion soube com intelligencia esconder os defeitos dos nossos actores, pouco conhecedores da arte e tirar das qualidades o maximo proveito.

E para mostrar isso é sufficiente ver como Mr. Maxnudian, deu á figura de «Pedro» uma interpretação «portuguesa», como M.^{me} Gil Clary se apor-
tuguesou bem no fatalismo de «Leonor».

Emilia Castelo Branco é tambem, sem favor, uma admiravel interprete. Tem expressões de muita intelligencia, e Artur Duarte, que em outras fitas não nos tinha dado boa impressão, tem na «Sereia de Pedra» um trabalho de louvor, o que prova as suas muitas qualidades, que sómente Roger Lion viu e soube aproveitar.

Francisco Sena e Nestor Lopes igualmente a contento.

Tudo isto prova que temos interpretes. Ponto é que eles sejam guiados por mestres que lhes arranquem todas as faculdades.

E com a terminação desta noticia, vai a minha admiração pela sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida, que com tanto disvelo soube vingar a direcção da «Sereia de Pedra» com um halo de intelligencia que deveria servir de base a todos os que pretendem fazer alguma coisa de bom na nossa terra.

Henrique Roldão

**A REVISTA PORTUGUESA publicará
no proximo numero um artigo de
Augusto da Costa sob o titulo:—OS
DIREITOS DA INTELIGENCIA EM
PORTUGAL**